

Histórias da ecologia

Núcleo: Geografias do tempo

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.8
Texto de Núcleo.....	p.13
Mapa do espaço expositivo.....	p.15
Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo	p.16

Parede 1

Mapa da Parede 1.....	p.17
ANA AMORIM, <i>Passage of Time Study</i>	p.17

Parede 2

Mapa da Parede 2.....	p.18
MARÉ DE MATOS, <i>Descapitalizar o tempo</i> ..	p.19
JOSECA YANOMAMI, <i>Mothoka akaki humosi hamë a huuta wamaki pihi kunomai, mau uhamë a xiro yëi moto aha. Inaha a kuaimaki hutumosi hamë a yëtëata yamaki pihi kuupuo,</i>	

<i>yanomae pore yamaki mamō yaro makii, xapiri thëpëha thë xiro waoto. Kuë yaro, ai yanomae yamaki xapiri inaowi yamaki ni, inaha Mothoka a yëi kuaitahaki yamaki pihi kuimi yama a xiro taai puo.....</i>	p.20
HANS RAGNAR MATHISEN, <i>Sami-Aiggat</i>	p.21
HANS RAGNAR MATHISEN, <i>Rátkin IV</i> , 1983...	p.21
AYCOOBO (WILSON RODRÍGUEZ), <i>Calendário</i>	p.22

Parede 3

Mapa da Parede 3.....	p.24
DAN LIE, <i>Dife and Leath</i>	p.24
Joseca Yanomami, <i>Yanomae yamaki wãrapatai tēhë, wakoxo pë maaiwii thëã</i>	p.26
CELEIDA TOSTES, <i>Passagem</i>	p.27

Parede 4

Mapa da Parede 4.....	p.28
ANNA JÚLÍA FRÍÐBJÖRNSDÓTTIR, <i>Sundial (65th Parallel North)</i>	p.28
LIMA, <i>Objeto votivo</i>	p.30
GUSTAVO TORREZAN E NILDILENE DINIZ DA SILVA (PICHUITA), <i>Ontem hoje sempre Mamuna</i>	p.31
RÚRÍ, <i>Rainbow</i>	p.32
FLORA LEITE, <i>Cruzeiro do Sul 27.04.18</i>	p.33
FLORA LEITE, <i>O Cruzeiro do Sul foi formado com fogos de artifício no céu de São Paulo em 27 de abril de 2018</i>	p.34
FLORA LEITE, <i>O Cruzeiro do Sul será formado com fogos de artifício no céu de São Paulo em 27 de abril de 2018</i>	p.34
BRITTANY NELSON, <i>Tracks 1</i>	p.35

Parede 5

Mapa do Espaço 5.....p.37

LAURA KURGAN, *Monochrome Landscapes*.....p.37

TREVOR PAGLEN, *Untitled (Reaper Drone)*.....p.41

Parede 6

Mapa da Parede 6.....p.43

SANTIAGO REYES VILLAVECES, *Luna*.....p.43

THE PLAY, *Documentary photography from THE PLAY: Current of Contemporary Art (July 20, 1969) on the Yodo River*.....p.45

STEWART BRAND, *The (updated) Last Whole Earth Catalog: Access To Tools*.....p.47

NILDA NEVES, *Um baiano na lua*.....p.48

NILDA NEVES, *A arca do Elon Musk*.....p.49

Obras tridimensionais no espaço expositivo

Mapa de Obras tridimensionais no espaço expositivo.....	p.50
DENISE ALVES-RODRIGUES, <i>Treta</i>	p.50
NOARA QUINTANA, <i>Satélite Esqueleto Âmbar</i>	p.52
ÞORGERÐUR ÓLAFSDÓTTIR, <i>and time stood still until it disappeared</i>	p.53
MARAJOARA, <i>Urna funerária</i>	p.55
ADVÂNIO LESSA, <i>Sem título</i>	p.56
CHICO TABIBUIA, <i>Sem título</i>	p.57

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA

No ano em que o Brasil sedia a COP30 – Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém do Pará, o MASP apresenta a exposição *Histórias da ecologia*. Esta é a oitava mostra do museu dedicada a histórias diversas, plurais e polifônicas desde 2016. Não se trata de uma resposta direta à conferência, mas de um enfoque ampliado. Para além da urgência incontornável da crise climática, a exposição expande o conceito de ecologia, analisando, por meio do trabalho de artistas, ativistas e movimentos sociais, as relações entre seres humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas e fungos.

A escolha do termo “ecologia”, em lugar de “natureza”, é aqui uma decisão conceitual. Ao contrário de concepções que isolam a natureza como entidade exterior à sociedade, a ecologia é compreendida como trama relacional, um campo de forças em constante transformação, que questiona dicotomias como natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não humano. Essa abordagem dialoga com propostas contemporâneas de uma virada ecológica nas ciências humanas e sociais, que repensam os modos de produção de conhecimento a partir da multiplicidade de mundos e ecossistemas.

Com obras de 116 artistas, em sua maioria oriundos do chamado Sul Global, *Histórias da ecologia* amplia essa rede para estabelecer alianças entre Sul e Norte, reconhecendo que a crise climática exige ações coordenadas,

solidárias e urgentes. Muitas obras revelam não apenas os efeitos, mas também as raízes históricas do colonialismo, do racismo ambiental e do capitalismo global sobre corpos, territórios e ecossistemas.

A mostra é organizada em cinco núcleos, sugeridos nesta ordem de visita, do sexto ao segundo andar do edifício: *Teia da vida*, *Geografias do tempo*, *Vir-a-ser*, *Territórios, migrações e fronteiras* e *Habitar o clima*. A exposição transita entre saberes geológicos, biográficos, espirituais, comunitários e planetários. Propõe, assim, reconhecer cosmologias que resistem à destruição da vida e instaurar espaços de imaginação crítica, nos quais o futuro se apresenta como campo de disputa e responsabilidade coletiva.

Curadoria: André Mesquita e Isabella Rjeille, MASP

A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias da Ecologia* em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Movimento dos Atingidos por Barragens, Taniki Yanomami, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019 o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria

Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

Texto de Núcleo: GEOGRAFIAS DO TEMPO

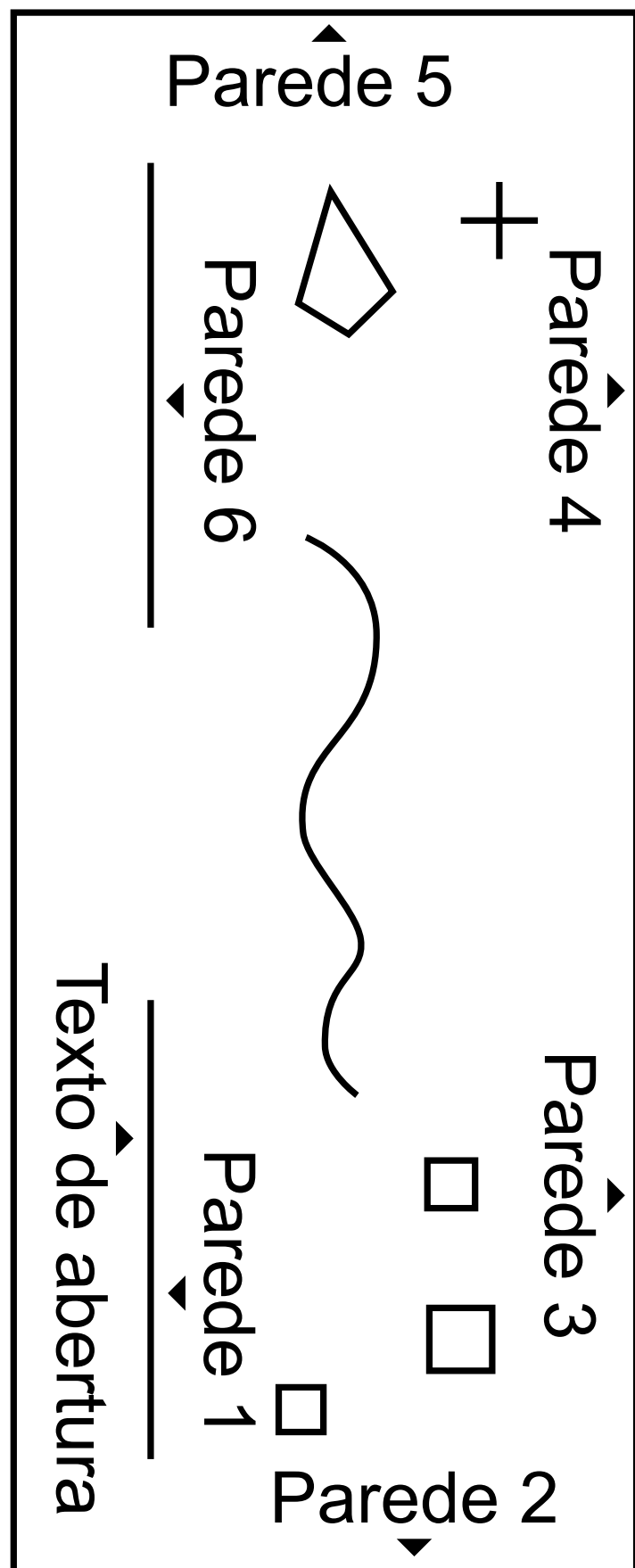
Neste núcleo, o tempo é entendido não apenas como uma dimensão cronológica, mas como um operador ontológico que organiza e orienta diferentes formas de habitar o mundo. A própria palavra *tempo*, em português, evidencia essa dupla natureza ao se referir tanto ao tempo do relógio quanto ao clima.

O aquecimento global, provocado pela queima de combustíveis fósseis, alterou drasticamente o clima terrestre: eventos climáticos extremos se tornaram frequentes, o nível do mar se elevou e os padrões de chuvas e secas foram alterados. Paralelamente, os avanços científicos e tecnológicos permitiram que seres humanos chegassem ao espaço e contemplassem à distância o planeta onde habitam. Do macro ao micro, essa mesma era

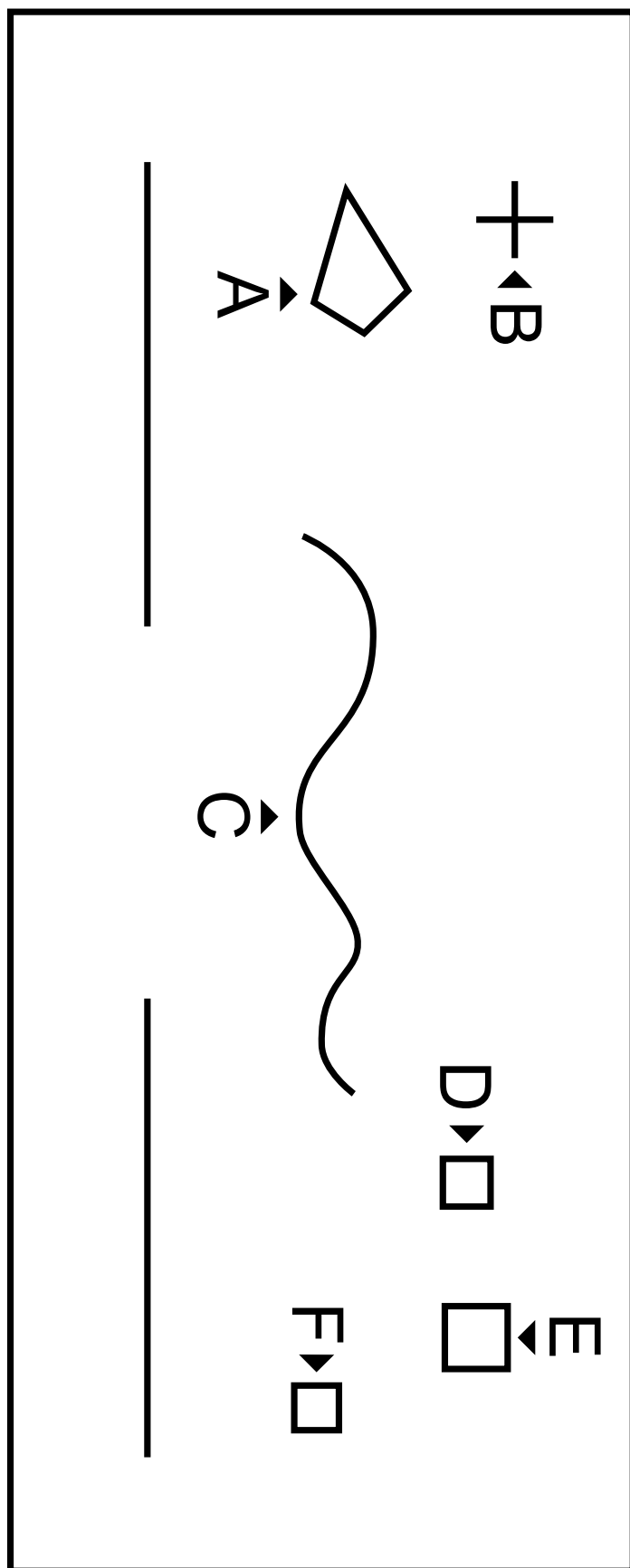
de avanços revelou os efeitos microscópicos dos impactos humanos na natureza, com a detecção de microplásticos em amostras que vão da água às células do corpo humano.

A crise climática desafia profundamente nossas noções espaço-temporais. Este núcleo apresenta uma seleção de trabalhos que abordam diferentes maneiras de experienciar o tempo, o espaço e as transformações que sobre eles provocamos: do tempo definido pelos astros que regem a vida na Terra ao tempo definido pelo capitalismo, que dita ritmos cada vez mais acelerados.

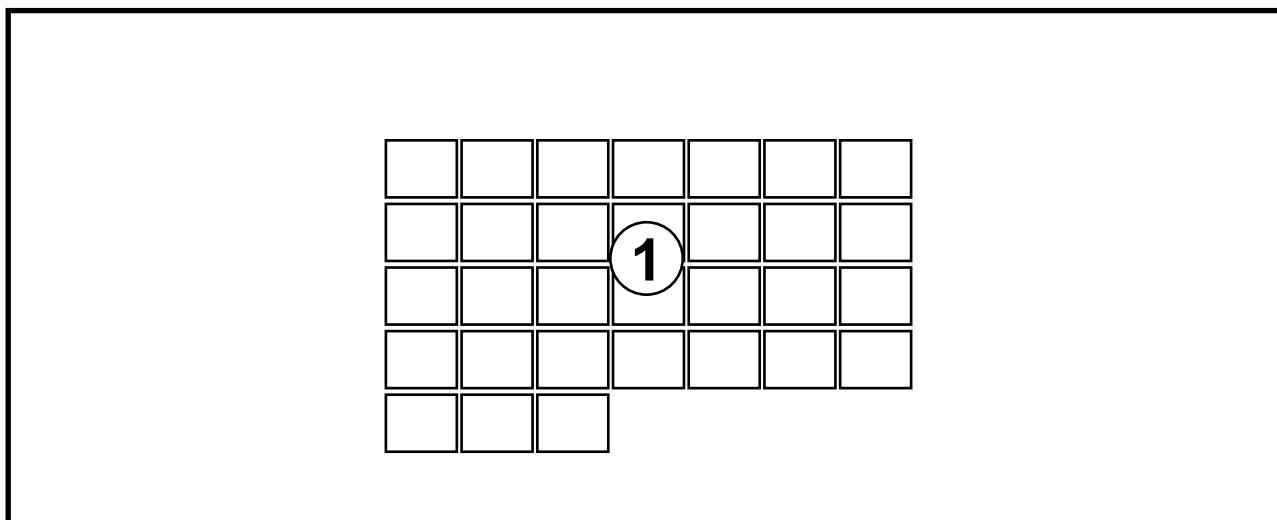
Mapa do espaço expositivo



Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo



PAREDE 1



Ana Amorim

São Paulo, 1956, vive entre São Paulo e Madri

1. *Passage of Time Study* [Estudo da passagem do tempo], 2018

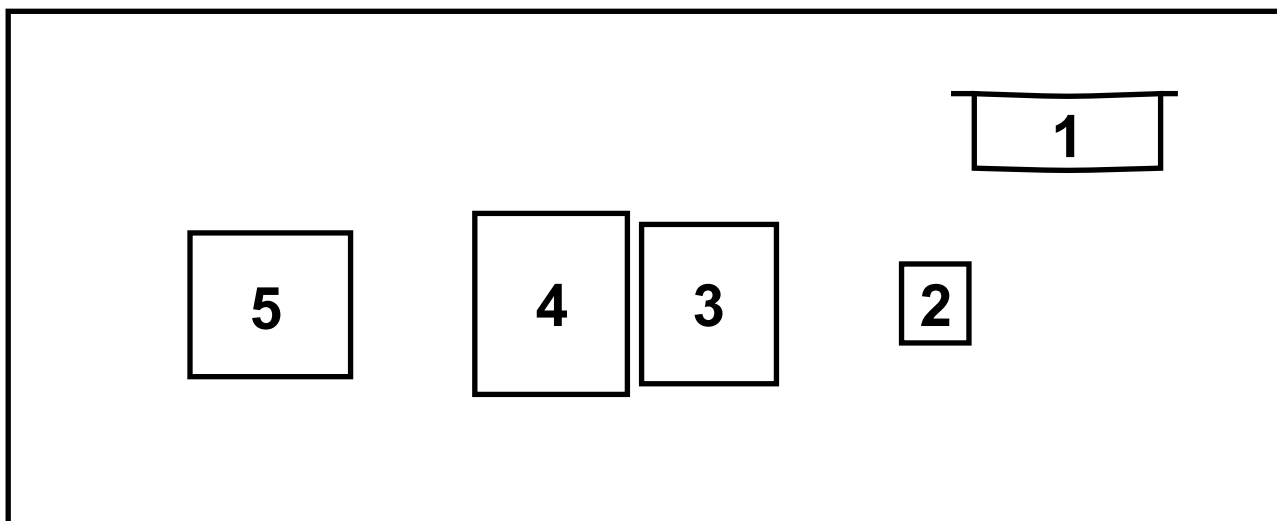
Caneta gel de tinta permanente sobre
papel Bristol

Coleção da artista, São Paulo

“Todas as noites durante o mês de outubro, eu tive a seguinte rotina:

1. contei segundos por uma hora;
2. registrei o mapa simplificado;
3. registrei o número de passos;
4. registrei a data;
5. registrei o mapa escrito;
6. registrei o número localizador.”

PAREDE 2



Maré de Matos

Governador Valadares, Brasil, 1987, vive em
São Paulo

1. *Descapitalizar o tempo*, 2022

Tinta sobre tecido

Coleção da artista, São Paulo

Joseca Yanomami

Rio Uxi u, Território Yanomami, Brasil, 1971, vive na comunidade Watoriki, Território Yanomami

***2. Mothoka akaki humosi hamë a huuta
wamaki pihi kunomai, mau uhamë a xiro
yëi moto aha. Inaha a kuaimaki hutumosi
hamë a yëtëata yamaki pihi kuupuo,
yanomae pore yamaki mamó yaro makii,
xapiri thëpëha thë xiro waoto. Kuë yaro, ai
yanomae yamaki xapiri inaowi yamaki ni,
inaha Mothoka a yëi kuaitahaki yamaki pihi
kuimi yama a xiro taai puo*** [Não pensem

assim: “Será que o sol está caminhando no céu?”, pois ele somente se move voando pelas águas em sua canoa a motor. Porém nós — não xamãs — pensamos: “será que o sol está pregado no céu?” apenas porque temos olhos de fantasma; entretanto, para os

xamãs, isso tudo é óbvio], 2011

Grafite, lápis de cor e tinta de caneta

hidrográfica sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Clarice O. Tavares, 2021

Hans Ragnar Mathisen

Áhkkánjárga, Noruega, 1945, vive no território Sápmi

3. *Sami-Aiggat* [Calendário Sami], 1995

Xilogravura sobre papel

Coleção do artista, Tromsø, Noruega

4. *Rátkin IV*, 1983

Xilogravura sobre papel

Coleção do artista, Tromsø, Noruega

Aycoobo (Wilson Rodríguez)

La Chorrera, Colômbia, 1967, vive em Bogotá

5. *Calendário*, 2024

Guache e tinta de caneta sobre papel algodão

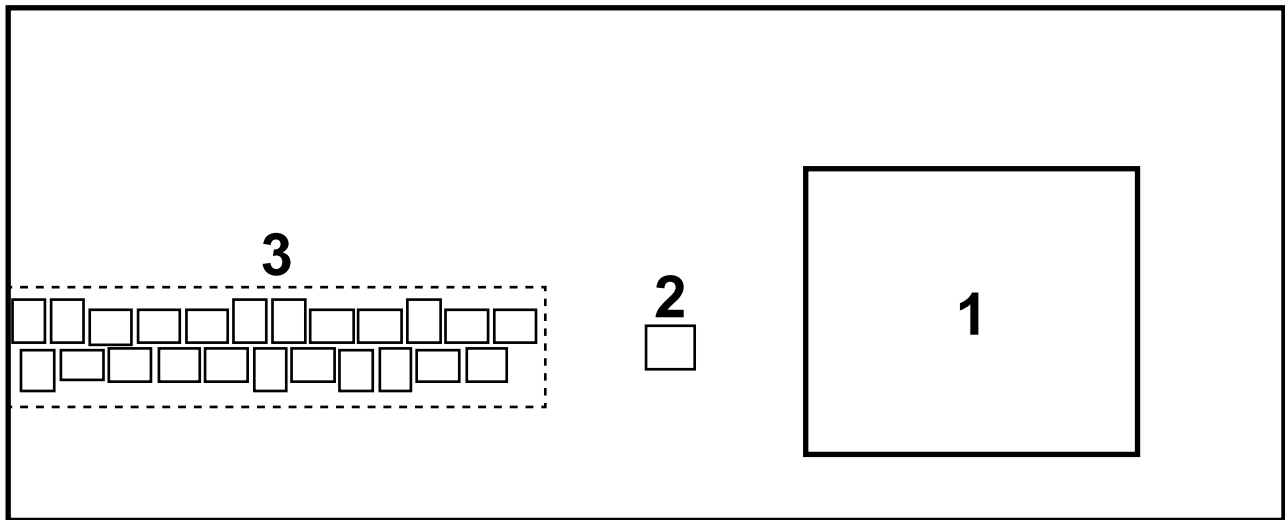
Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, Regina Pinho de Almeida no
contexto da Biennale di Venezia, 2025.

Após a Revolução Industrial, a organização do tempo nas sociedades ocidentais passou a se basear na padronização dos calendários e na popularização dos relógios. A vida se tornou coreografada pelo ritmo do trabalho. No entanto, outras formas de perceber a passagem do tempo são possíveis, como propõe *Calendário*, de Aycoobo (Wilson Rodríguez). Nele, os meses são definidos pelas condições impostas pela floresta

amazônica. Nesse desenho, é possível identificar diferentes estágios relacionados aos ciclos da agricultura, assim como à vida dos peixes nos rios.

PAREDE 3



Dan Lie

1988, vive em Berlim

1. *Dife and Leath* [Mida e Vorte] da série *Scales of Decay* [Escala da decomposição], 2021

Açafrão, gel de linhaça, linhaça, carvão, bastão de óleo, aquarela, pastel macio sobre papel e cúrcuma

Instituto Paz, Brumadinho, Brasil

Em *Dife and Leath* [Mida e vorte], Dan Lie investiga a convivência com agentes mais que humanos como fungos, bactérias e microrganismos, que transformam a matéria e desafiam a binaridade entre vida e morte. O título, um jogo de palavras criado por Lie, sugere que vida e morte fazem parte de um mesmo contínuo. O desenho integra a série *Scales of Decay* [Escalas da decomposição], desenvolvida a partir da observação de frutas e legumes em decomposição em seu ateliê — um processo focado menos na tentativa de representar os vegetais e mais em um exercício de convivência com esses agentes mais que humanos.

Joseca Yanomami

Rio Uxi u, Território Yanomami, Brasil, 1971, vive na comunidade Watoriki, Território Yanomami

2. *Yanomae yamaki wãrapatai tēhē, wakoxo pē maaiwii thēã* [Quando nós, seres humanos, envelhecemos, a brasa da lenha se apaga], 2012

Grafite, lápis de cor e tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Clarice O. Tavares, 2021

Celeida Tostes

Rio de Janeiro, Brasil, 1929—1995

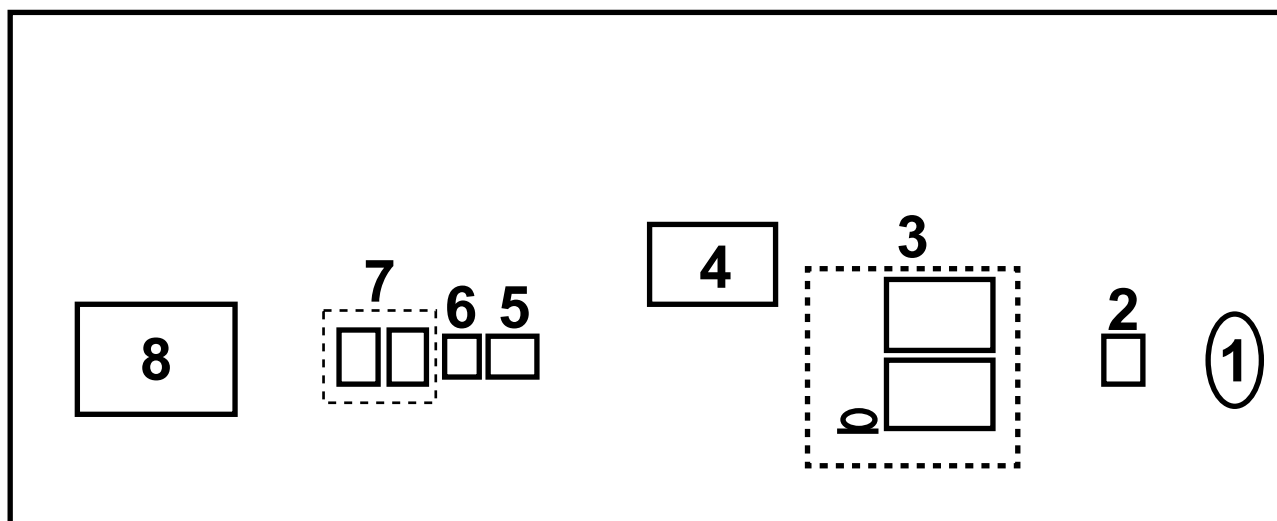
3. *Passagem*, 1979

Impressão sobre papel fotográfico

Galeria Superfície, São Paulo

Em *Passagem*, Celeida Tostes, artista que dedicou sua produção ao estudo do barro e da relação entre o feminino e a terra, simula um gesto que é ao mesmo tempo um sepultamento e um nascimento. A artista, nua e coberta de barro, é completamente envolvida por um vaso de argila crua — que recorda, ao mesmo tempo, uma urna marajoara e um útero — e se fecha nesse objeto por alguns instantes, até rompê-lo por completo, como um bebê recém-nascido. O título da obra denota a continuidade entre o final e o começo da vida.

PAREDE 4



Anna Júlía Friðbjörnsdóttir

Reykjavík, Islândia, 1973, vive entre Reykjavík e Berlim

1. *Sundial (65th Parallel North)* [Relógio de Sol (Paralelo 65 Norte)], 2024

Jesmonite, latão, molde de uma presa fossilizada de morsa da Islândia
Coleção da artista, Reykjavík, Islândia

Dois objetos registram o movimento da Terra: um pequeno objeto votivo pré-colombiano encontrado em Lima e um relógio de sol criado pela artista islandesa Anna Júlía Friðbjörnsdóttir. Este último foi moldado a partir da presa fossilizada de uma morsa — extinta após a colonização nórdica da Islândia, em um dos primeiros exemplos de extinção marinha causada por ocupação humana. Fridbjörnsdóttir elaborou seu relógio com base em diferentes latitudes do hemisfério Norte, porém, sua precisão é comprometida pela natureza orgânica do material. Em um instrumento vinculado à expansão territorial, à colonização e ao controle do tempo, a artista insere um elemento que evoca os processos de extinção causados por tais empreitadas.

Lima

Peru, *circa* 100-700

2. Objeto votivo, *circa* 100 - 700

Osso

Comodato MASP Landmann

Gustavo Torrezan e

Nildilene Diniz da Silva (Pichuita)

Piracicaba, Brasil, 1984, vive em São Paulo/

Quilombo Mamuna, Alcântara, Brasil, 1977, vive
no Quilombo Mamuna

Com auxílio de Lucas Schlosinski, Maurizio Zelada,
Dinho Araujo, Yuri Logrado e Samantha Moreira

3. *Ontem hoje sempre Mamuna*, 2021

Fotografia digital, impressão sobre papel, balão atmosférico, placa de alumínio, LED e bateria

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação dos artistas, no contexto da exposição *Histórias brasileiras*, 2022-23

As relações entre céu e terra, e seus desdobramentos simbólicos e materiais, são centrais em *Ontem hoje sempre Mamuna*.

Essa obra registra o lançamento de um balão atmosférico com uma “estrela” diante do Centro de Lançamento Aeroespacial de Alcântara (MA), região com o maior número de quilombos demarcados no país. A instalação da base aeroespacial impactou diretamente os modos de vida quilombolas e contribuiu para a expulsão das comunidades tradicionais. O gesto poético

dos artistas — lançar mais uma estrela ao céu — afirma Alcântara como novo estado simbólico da federação, uma alusão à bandeira nacional republicana, na qual cada unidade federativa é representada por uma estrela.

Rúrí

Reykjavík, Islândia, 1951, vive em Reykjavík

4. *Rainbow* [Arco-íris], 1983

Vídeo, cor, som

Coleção da artista Reykjavík, Islândia

Neste vídeo, Rúrí atribui materialidade a um fenômeno efêmero da natureza, porém carregado de simbolismo — o arco-íris, que é resultado de um efeito óptico criado pela incidência de luz sobre gotículas de água. A

artista recria esse efeito como um grande objeto, que desaparece — assim como um arco-íris real — ao ser queimado. A obra sugere que a contemplação da natureza é sempre limitada pelo tempo; não se pode capturá-la nem controlá-la. Assim, o caráter simbólico do arco-íris se impõe à sua existência natural, revelando a fragilidade da tentativa humana de fixar o que, por essência, é fugidio.

Flora Leite

São Paulo, 1988, vive em São Paulo

em colaboração com Beatriz Leite

5. *Cruzeiro do Sul* 27.04.18, 2018

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, São Paulo

6. O Cruzeiro do Sul foi formado com fogos de artifício no céu de São Paulo em 27 de abril de 2018, 2018

Lista de testemunhas, cópia autenticada de documento impresso e assinado

Coleção da artista, São Paulo

7. O Cruzeiro do Sul será formado com fogos de artifício no céu de São Paulo em 27 de abril de 2018, 2017

Anúncio no *Metro Jornal*, 10.11.2017, São Paulo

Coleção da artista, São Paulo

A observação do céu guiou as navegações que deram início às invasões coloniais no final do século 15. Em *Cruzeiro do Sul 27.04.18*, Flora Leite recria com fogos de artifício a constelação-

símbolo do Brasil, que aponta o Sul no hemisfério meridional. Descrita pela primeira vez em 27 de abril de 1500, pelos colonizadores portugueses, ela é redesenhada 518 anos depois: uma mimese artificial das estrelas que testemunharam a invasão. O evento dura poucos segundos, e o *Cruzeiro do Sul* então desaparece em sua artificialidade, enquanto o público é deixado a contemplar um céu cujas estrelas são ofuscadas pela poluição luminosa da cidade de São Paulo.

Brittany Nelson

Montana, Estados Unidos, 1984, vive em Nova York

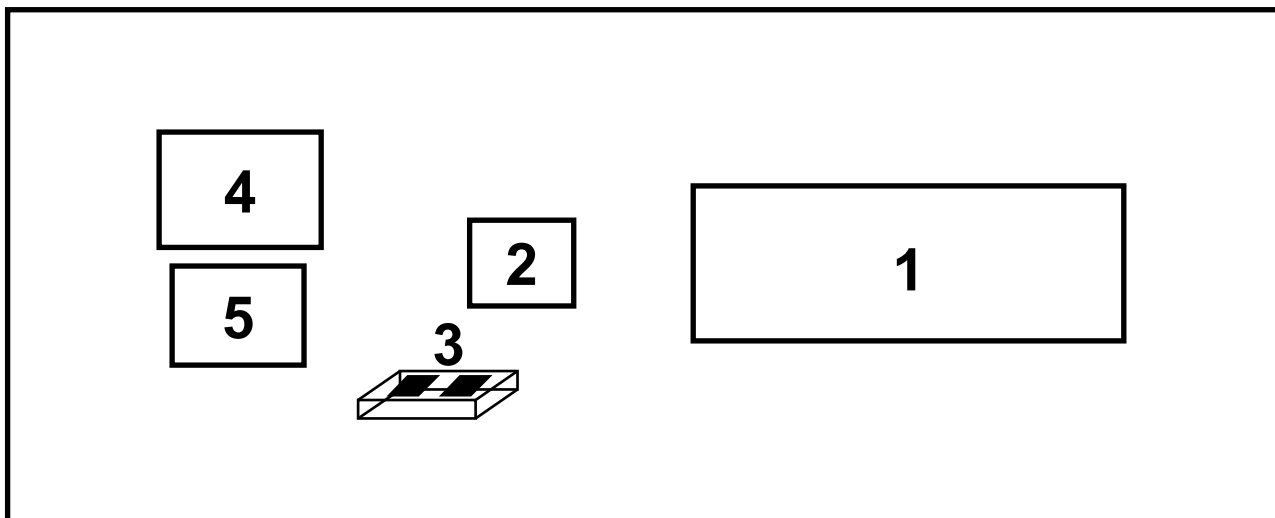
8. *Tracks 1* [Rastros 1], 2023

Fotografia única de bromoil

Coleção da artista Nova York

Tentativas de expansão humana rumo ao cosmos podem ser vistas em *Rastros 1*, de Brittany Nelson. Esta fotografia parte de uma imagem da superfície de Marte feita pelo rover Opportunity, enviado pela NASA em 2004 e que operou até 2018. A missão buscava sinais de vida e água para justificar a colonização do planeta. Nelson recria a imagem usando bromoil, técnica fotográfica artesanal do século 19, de efeito semelhante à pintura. Nesta obra, é possível ver os rastros dos pneus do rover na paisagem árida de Marte, revelando uma sensação de solidão e o desamparo da vida num planeta que, apesar de desértico, alguns sonham em tornar habitável.

PAREDE 5



Laura Kurgan

África do Sul, 1961, vive em Nova York

1. *Monochrome Landscapes* [Paisagens monocromáticas], 2001-03

White [Branco]

Área 1002, Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Ártico (ANWR), próximo a Kaktovik, Alasca. Obtida em: 7 de abril de 2003, 21:12:49 GMT. Coordenadas centrais: 69°47'59,46" Norte, 144°32'33,9" Oeste.

Satélite QuickBird, 0,61 m por pixel. © 2003

Digitalglobe, todos os direitos reservados

Blue [Azul]

Oceano Atlântico, interseção do Equador com o meridiano de Greenwich, ao sul de Acra (Gana) e a oeste de Libreville (Gabão).

Obtida em: 16 de maio de 2003, 10:19:54

GMT. Coordenadas centrais: 0°0'7,02" Norte,

0°0'1,62" Leste, satélite QuickBird, 0,61 m

por pixel. © 2003 DigitalGlobe, todos os

direitos reservados

Green [Verde]

Floresta tropical de terras baixas primária,

Camarões, cerca de 100 km a oeste de

Yokadouma e 70 km a leste da reserva de Dja.

Obtida em: 4 de dezembro de 2001, 09:48

GMT. Coordenadas do canto superior esquerdo:

3°13'9,804" Norte, 14°12'27,72" Leste, satélite Ikonos, 1,0 m por pixel. © 2001 Space Imaging LLC, todos os direitos reservados

Yellow [Amarelo]

Deserto do Sul, sudeste do Iraque, entre Al Busayyah e An Nasiriyah. Obtida em: 30 de março de 2003, 07:32:10 GMT. Coordenadas centrais: 30°18'48,96" Norte, 46°22'25,68" Leste, satélite QuickBird, 0,61 m por pixel. © 2003 DigitalGlobe, todos os direitos reservados

C-print sobre papel

Coleção da artista, Nova York

Satélites fornecem imagens em tempo real de diferentes partes do mundo, oferecendo a governos e suas agências de inteligência dados estratégicos que ampliam seu poder. A série *Paisagens monocromáticas*, de Laura Kurgan, revela sistemas de controle e disputas geopolíticas, em diálogo com a história da arte abstrata. As imagens selecionadas mostram paisagens dominadas por neve, água, árvores ou areia, de locais como o Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Ártico, no Alasca, ao deserto no sul do Iraque. Esses monocromos são interrompidos por pequenos detalhes que denunciam tensões políticas, ambientais e econômicas nesses territórios — como uma estrada na floresta Yaoundé, nos Camarões, usada no transporte ilegal de madeira.

Trevor Paglen

Maryland, Estados Unidos, 1974, vive entre Nova York e Berlim

2. *Untitled (Reaper Drone)* [Sem título (Drone Reaper)], 2010

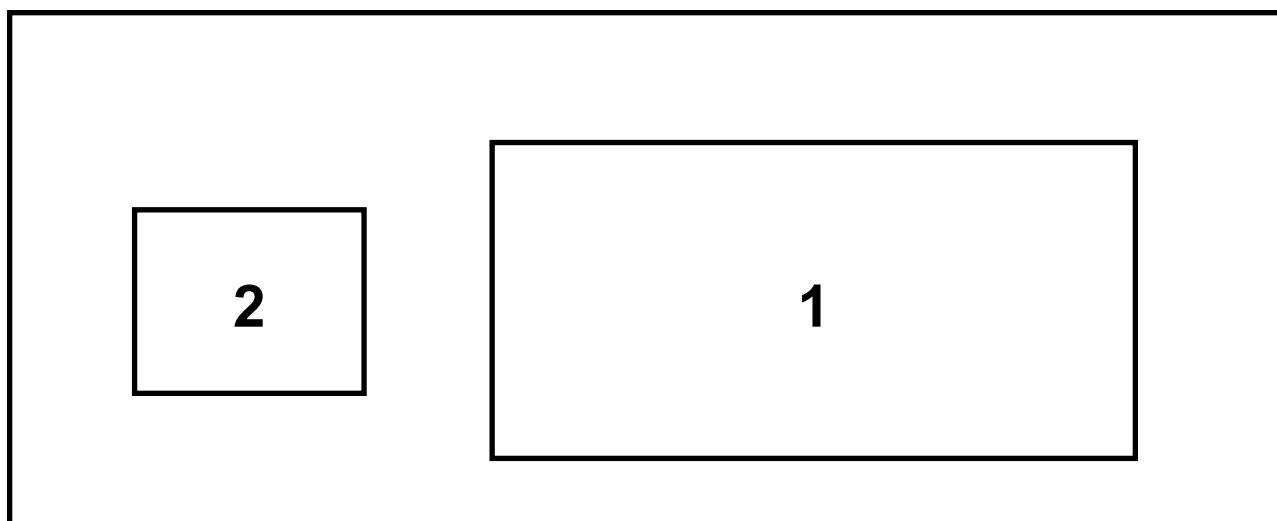
C-print sobre papel

Coleção do artista, Nova York

O céu também é um território de disputa, habitado por satélites e drones. Ao apontar a sua câmera para o alto, o artista e geógrafo Trevor Paglen captura a atividade quase invisível de drones de vigilância perto de bases militares estadunidenses no deserto de Nevada. Um pequeno ponto no campo direito da fotografia passa quase despercebido — o *Reaper*, um drone militar operado remotamente, é camuflado

pela beleza da profusão de tons de vermelho do céu no pôr do sol. A presença militar se torna uma espécie de abstração na paisagem cotidiana: o segredo se torna uma poderosa arma de guerra.

PAREDE 6



Santiago Reyes Villaveces

Bogotá, 1986, vive entre Bogotá e

Ambalema, Colômbia

1. *Luna* [Lua], 2023

Tinta de marcador permanente e lápis de cor
sobre algodão

Coleção do artista, Bogotá

Lua, de Santiago Reyes Villaveces, é um desenho a lápis baseado no primeiro mapa geológico detalhado da superfície lunar, publicado pelo USGS Astrogeology Science Center em colaboração com a NASA e o Lunar Planetary Institute. Esse mapa, segundo o artista, revela a transição do status simbólico da Lua para uma palpável fonte de recursos naturais a serem explorados por seres humanos. Com seu trabalho, Villaveces chama a atenção para a dimensão expansionista das práticas extrativistas contemporâneas, que vislumbram o cosmos e os outros planetas como objetivos de futuros empreendimentos.

THE PLAY

Kansai, Japão, 1967, em atividade

2. *Documentary photography from THE PLAY: Current of Contemporary Art (July 20, 1969) on the Yodo River* [Fotografia documental do THE PLAY: Corrente da arte contemporânea (20 de julho de 1969) no rio Yodo], 1969. Fotografado por Shigeru Higuchi

C-print sobre papel

Coleção dos artistas, Kansai

No dia 20 de julho de 1969, enquanto Neil Armstrong pisava na Lua, o coletivo japonês THE PLAY iniciava outra jornada: a bordo de uma precária jangada feita com blocos de poliestireno em forma de seta, seus integrantes deixaram-se levar à deriva por doze horas entre os rios Uji,

Yodo e Dojima, ligando Quioto a Osaka. Guiada unicamente pela corrente dos rios, essa ação se chamou *Corrente da arte contemporânea* e funcionou como uma recusa ao racionalismo científico e à noção de progresso ligada à expansão do território representada pela viagem do homem à lua, assim como aos modos de vida capitalistas baseados unicamente no produtivismo.

Stewart Brand

Rockford, Estados Unidos, 1938, vive em
Sausalito, Estados Unidos

3. *The (updated) Last Whole Earth Catalog: Access To Tools* [O último catálogo (atualizado) do mundo inteiro: acesso a ferramentas], Junho, 1975 / ***The Last Whole Earth Catalog: Access To Tools*** [O último catálogo do mundo inteiro: acesso a ferramentas], Janeiro 1971

Revista

Centro de pesquisa MASP

Como uma resposta à chegada do homem à Lua, Stewart Brand criou uma campanha pública para pressionar a NASA a publicar a primeira imagem de satélite do planeta Terra visto do

espaço, que ele chamou de “Whole Earth”, ou a “Terra por inteiro”. Brand fundou a revista *Whole Earth Catalog* (publicada periodicamente de 1968 até 1972 e, ocasionalmente, até 1998), cujo foco editorial era fornecer materiais para a autossuficiência, a educação alternativa e a cultura do “faça-você-mesmo”. Sua linha editorial se construía em torno da ecologia, assim como da conscientização em relação ao futuro da humanidade e do planeta.

Nilda Neves

Botuporã, Brasil, 1961, vive em Camanducaia, Brasil

4. *Um baiano na lua*, 2017

Óleo sobre tela

Coleção Cairo Mendes e Luis Milliet, São Paulo

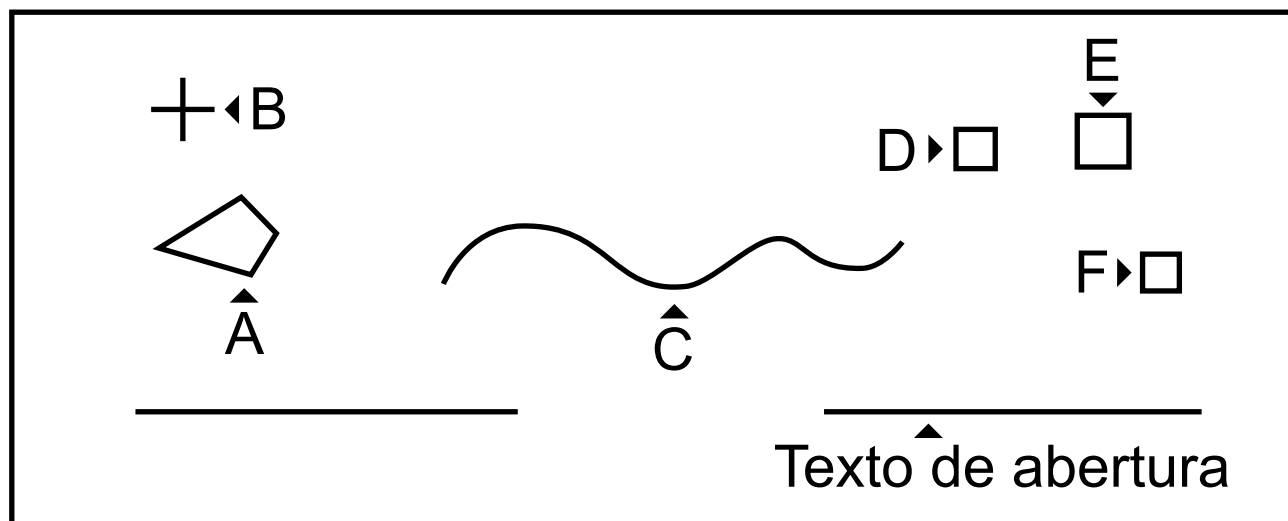
5. *A arca do Elon Musk*, 2021

Óleo sobre tela

Coleção Mariana Stabile, São Paulo

A produção de Nilda Neves tem como eixo central o sertão baiano, onde viveu por 50 anos. Por meio de fabulações carregadas de simbolismo, a artista evidencia aspectos que marcaram sua vivência na região, como a vegetação, os animais, o cangaço, os vínculos afetivos e o imaginário popular. A temporalidade de sua obra abrange desde referências a pinturas rupestres até ficcionalizações de um futuro próximo, como em *A arca do Elon Musk* e *Um baiano na lua*, nas quais comenta com humor os delírios de colonização e turismo espacial, abordando também a dualidade entre salvação e destruição iminentes.

OBRAS TRIDIMENSIONAIS DO ESPAÇO EXPOSITIVO



Denise Alves-Rodrigues

Itaporã, Brasil, 1981, vive em Brasília

A. *Treta*, 2022

Madeira muiracatiara e circuito de áudio

Coleção da artista, São Paulo

Em *Treta*, de Denise Alves-Rodrigues, a relação entre céu e terra é marcada por uma disputa. A obra, uma instalação sonora, é composta por uma cápsula de madeira com dois alto-falantes em suas extremidades. De um lado, escuta-se um som resultante da coleta de dados da poluição luminosa de São Paulo e, do outro, uma faixa de áudio criada a partir do brilho de Betelgeuse — uma das estrelas mais luminosas do céu noturno. Dentro da cápsula, a artista contrapõe esses dois sons, simulando uma espécie de discussão ou “treta”, como se o brilho artificial da cidade disputasse espaço com o brilho da estrela, e vice-versa.

Noara Quintana

Florianópolis, Brasil, 1986, vive entre

Florianópolis, São Paulo e Los Angeles

B. *Satélite Esqueleto Âmbar*, da série *Futuro fóssil*, 2023

Alumínio, organza de seda pura, grafite,
borracha industrial e pigmento fosforescente
Coleção da artista, São Paulo

Em *Satélite esqueleto âmbar*, da série *Futuro fóssil*, as noções de presente, passado e futuro se entrelaçam e se confundem nas escolhas de materiais e imagens que compõem sua instalação. A partir de uma estrutura de alumínio, Quintana constrói um “satélite”, cuja superfície é coberta por organza de seda pura, borracha de poliuretano, pigmento fosforescente e desenhos

em grafite, que remetem a plantas amazônicas, animais extintos e ao logo de uma empresa de tecnologia. Tanto o título do trabalho quanto o da série evocam um duplo movimento: a ideia de “futuro” promovida pelo avanço expansionista da tecnologia, e de iminente extinção promovida por esse mesmo avanço.

Porgerður Ólafsdóttir

Reykjavík, Islândia, 1985, vive em Reykjavík

C. and time stood still until it disappeared

[E o tempo parou até desaparecer], 2024

Impressão sobre tecido de poliéster

Coleção da artista, Reykjavík, Islândia

As distinções entre tempo geológico e humano colapsaram na era em que vivemos, conhecida por alguns como Antropoceno. A instalação *and time stood still until it disappeared* [e o tempo parou até desaparecer] parte dessa constatação, usando uma imagem microscópica de uma amostra do vulcão islândes Grímsvötn. Registrada em 2002, ela revela dados atmosféricos como níveis de precipitação, poluição e cinzas vulcânicas. Os microplásticos foram encontrados pela primeira vez em amostras similares, em meados do século 20 — época em que o poliéster se popularizou com a indústria da moda. Ao imprimir essa imagem em tecido de poliéster, a artista evidencia a silenciosa e permanente presença desse composto em nosso cotidiano.

Marajoara

Marajó, Brasil

D. *Urna funerária*, circa 400-1400

Cerâmica

Comodato MASP Landmann

A continuidade entre vida e morte — temas presentes em outros trabalhos deste núcleo — também pode ser vista nesta Urna Marajoara. Produzidas em barro pelos povos marajoara que ocupavam a extremidade oriental da Bacia Amazônica, essas urnas são conhecidas pela riqueza visual e simbólica de seus detalhes. Esses artefatos funerários se destinavam ao “sepultamento secundário”, isto é, comportavam os restos cremados de indivíduos antes de seu enterramento. A iconografia desta urna exhibe

elementos animais (como a coruja) e humanos (como formas geométricas que lembram um ventre em gestação), ligados à geração da vida, unidos num único objeto destinado ao sepultamento.

Advânio Lessa

Ouro Preto, Brasil, 1981, vive em Ouro Preto

E. *Sem título*, da série *Nascimento*, 2010-15

Raízes, madeira, cipó e serragem

Coleção do artista, Ouro Preto, Minas

Gerais, Brasil

Sem título, da série Nascimento, de Advânio Lessa, foi realizada a partir da madeira de árvores mortas coletada pelo artista nas matas de Lavras Novas, Minas Gerais, território marcado pela herança quilombola, onde vive atualmente.

O artista considera a natureza coautora de suas obras, e nessa peça trabalha a madeira em suas diferentes formas — raízes, cipós, tronco e serragem. As obras de Lessa parecem contar a história da vida das árvores que são transformadas em peças suas — desde as raízes que as sustentam, passando pela relação com os minerais do solo e as marcas deixadas por insetos em seus troncos.

Chico Tabibuia

Casimiro de Abreu, Brasil, 1936—2007

F. *Sem título*, década 1990

Madeira

Galeria Estação, São Paulo